

**Discussion
Paper**

ESPM

v. 4, n. 3, 2016

Prof. Pedro de Santi

Profa. Clarissa Sanfelice Rahmeier

Prof. Pedro Jaime de Coelho



**INTOLERÂNCIA! OU, É POSSÍVEL
“CURAR UM FANÁTICO”?**

Discussion
Paper |



ISSN: 2448-0932

Corpo Editorial

J. Roberto Whitaker Penteadó
Presidente

Alexandre Gracioso
Vice-presidente acadêmico

Elisabeth Dau Corrêa
Vice-presidente administrativo-financeira

Emmanuel Publio Dias
Vice-presidente corporativo

José Francisco Queiroz
Vice-presidente de marketing e comunicação

Luiz Fernando Dabul Garcia
Diretor geral da graduação ESPM-SP

Ismael Rocha
Diretor acadêmico de graduação ESPM-SP

Conselho Editorial

Carlos Frederico Lucio

Cristina Helena Pinto de Mello

Denise Fabretti

Fabio Mariano Borges

Ismael Rocha

João Osvaldo Schiavon Matta

Luiz Fernando Dabul Garcia

Pedro Luiz Ribeiro de Santi

Leonardo Nelmi Trevisan
(Edição de texto)

Matheus Matsuda Marangoni
(Edição de arte)

Fernando Matijewitsch
(Gerência de edição)

Discussion
Paper

ESPM

APRESENTAÇÃO

Publicação trimestral, em formato eletrônico, o Discussion Paper ESPM reúne artigos, notícias de pesquisas, resenhas, traduções ou entrevistas oriundas de debate temático.

O objetivo é incentivar a discussão de assuntos, atinentes ou complementares, ao conteúdo curricular de disciplinas da área de Ciências Sociais Aplicadas.

O perfil deste periódico oferece espaço de publicação da produção docente, incluindo procedimentos de pesquisa, em diferentes formatos.

O Discussion Paper ESPM busca também ampliar repertório e capacidade de análise do corpo discente, pois, a iniciativa procura, especialmente, a participação do aluno nos debates geradores de cada número.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A submissão de trabalhos deverá ser feita através do endereço eletrônico do periódico. O Processo de Avaliação pelos Pares consiste nas seguintes etapas: o artigo original será analisado por dois integrantes do Conselho Editorial para verificar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área epistemológica de avaliação a ser direcionada. Em seguida, o artigo será enviado a pares de avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores, que não compareceram ao debate gerador do respectivo Discussion Paper. Os avaliadores externos procederão de acordo com os critérios: 1. Publicar sem alterações; 2. Publicar com pequenas alterações, efetuadas pelos avaliadores; 3. Retornar ao autor com orientações de correções a serem efetuadas, podendo ser publicado posteriormente; 4. Retornar ao autor com a reprovação do artigo, sem publicação posterior. Mais informações em: <http://discussionpaper.espm.br/>.

Apresentação do debate 5

A intolerância de sempre e a intolerância de hoje..... 6

Pedro de Santi

Intolerância e corpo ausente... Foi bom brincar de viver na tua pele..... 12

Clarissa Sanfelice Rahmeier

Mais que diferentes, desiguais: alteridade, desigualdade e intolerância no Brasil contemporâneo..... 16

Pedro Jaime de Coelho



APRESENTAÇÃO DO DEBATE

O começo deste assunto “foram as eleições de 2014”, avisou o mediador do debate, professor da ESPM e psicanalista Pedro de Santi. Ele ponderou que todos os presentes “já votavam na época” e observou a existência de um “nível de ódio louco de *nós* vs. *eles*, quem quer que fosse o *nós*, quem quer que fosse o *eles*”...

Existem diversas formas de tolerância e de intolerância: “as que dizem respeito a etnias, a gêneros, até a opções alimentares, das mais variáveis”. Há um ponto comum nelas: todas envolvem choques, como também observou Pedro de Santi, falando das dinâmicas de intolerância humanas “provenientes dos jogos humanos sociais”. Se a sociedade sempre se propicia momentos de maior intolerância, como conter estes excessos? O ponto de partida do debate foi a leitura comum dos participantes do livro do consagrado escritor israelense Amós Oz, um convicto “buscador da paz” em seu mundo, com título estimulante: “Como curar um fanático”.

Os participantes do debate, professores da ESPM, rediscutiram a proposta de Amós Oz, no contexto em que vivem. **Pedro de Santi**, escolheu para título de sua fala, “A intolerância de sempre e a intolerância de hoje”. A professora **Clarissa Sanfelice Rahmeier** tomou outro caminho com “Intolerância e corpo ausente ... Foi bom brincar de viver na sua pele...”. Já o professor **Pedro Jaime de Coelho** preferiu pensar em termos históricos na sua exposição: “Mais que diferentes, desiguais... alteridade, desigualdade e intolerância no Brasil contemporâneo”. Segue a transcrição e edição do debate:



*A INTOLERÂNCIA DE SEMPRE E A
INTOLERÂNCIA DE HOJE*

Pedro de Santi

Discussion
Paper |

ESPM

Os pavios andam curtos. A simples menção a um termo que possa vir a ser interpretado de forma ofensiva por alguém, ainda que sem esta intenção no contexto em que foi usado, gera uma reação forte de recusa. Esta defesa é feita, aliás, sob o argumento da empatia irrestrita com relação a cada um que possa se sentir ofendido.

Nas redes sociais, muitas pessoas caçam qualquer coisa que possa ser posta em evidência para atacar o “outro lado”; e expressam seu gozo ao conseguir fazê-lo. Já a expressão e as publicações do “outro lado” são sempre consideradas ofensivas e irracionais, gerando furor e desejo de aniquilamento. O policiamento raivoso imposto ao outro não tem a contra-partida da auto-crítica, no entanto. Aquele que se sente violentado pelo outro se sente liberado para exercer sua própria violência. Parece bastante claro que esta atitude reativa mútua só pode levar a uma escalada de intolerância e ódio.

A intolerância acompanha toda a história das relações humanas. Ao mesmo tempo, pode-se perceber que há momentos ou contextos culturais nos quais ela parece maior ou menor. De algumas formas, que desenvolverei adiante, considero que vivemos um momento especialmente recrudescido de intolerância. Neste artigo, desenvolverei algumas considerações gerais sobre a perspectiva psicanalítica sobre a intolerância, para então procurar refletir sobre nossas condições mais particulares, hoje.

‘Tolerar’ significa aceitar, suportar. Seu negativo- a intolerância- é psicologicamente uma reação defensiva do eu. Uma afirmação da própria identidade e expulsão do que pareça ameaçador a ela. É uma prevenção ante a iminência de um trauma. Trata-se de uma sensibilidade alérgica.

Pode-se imaginar então que a intolerância é própria de um eu forte, mas não. Um eu forte é, para a psicanálise, aquele que se faz flexível e busca por soluções de compromisso entre as forças em ação; ele se deixa afetar e transformar; e se permite cair e se perder, pois confia que poderá se recompor. Em sua rigidez, o eu intolerante denuncia seu terror à dissolução: sua insegurança.

Desta perspectiva, a intolerância pode ser a marca de uma identidade ainda em construção (situação pela qual todos passamos), precisando se assegurar e reassegurar a cada instante; ou ainda a marca de um eu traumatizado, que experimentou excessos que puseram em risco sua integridade.

Mesmo por este caminho, que busca certa empatia na compreensão da intolerância,

dificilmente alguém intolerante atrai simpatia, uma vez que aquele eu reativo busca se impor sobre o outro, a quem procura desqualificar (ou mesmo aniquilar). A intolerância tende à violência e ao isolamento da pessoa em si ou em seu grupo identitário.

A condição humana faz de nós seres relacionais, de misturas, conflitos e compromissos: a intolerância gostaria de abster desta confusão e sujeirada humana. O que é nossa origem num ato sexual senão a arte da mistura? Mas a intolerância busca ser asséptica e ascética: pura e acima do mundano. É como no sonho irrealizável de Narciso: não depender de ninguém, não ter ninguém dependendo de si.

Não nascemos tendo de início um “eu”. Ele será precipitado pela percepção por parte da criança de que há vazios, espaços e descontinuidades entre a própria experiência e a daqueles de quem vem o cuidado e afeto básicos. Em termos teóricos, a desfusão com a figura materna (quem quer que exerça a função).

Só há um eu quando há um não eu, um outro. Os ‘nãos’ emitidos pelo outro e pelo eu marcam as fronteiras onde um acaba e outro começa. É difícil dizer não a quem amamos ou de quem dependemos, é dar prova de descontinuidade e frustrar as fantasias de fusão e identidade.

A criança humana provavelmente vive mergulhada em experiências e sensações intensas de prazer e desprazer. Naturalmente, o eu busca reter tudo que lhe dê prazer e segurança; e repudia e busca evitar tudo o que for mau. Numa formulação clássica de Freud, o eu inicialmente se identifica com o bom e projeta o mau: eu é bom, não eu é mau.

Assim, a vida humana é dependente e ancorada num outro desde sua origem e como sua condição, mas sua primeira representação do outro tende a ser a de um inimigo que frustra e ataca: a fonte de todos os males. Para outra grande psicanalista, Melanie Klein, a experiência infantil não conhece o vazio: sua experiência seria uma “aquisição” que requer certa maturidade. De início, ora a criança vê um outro bom (mãe boa, seio bom), fonte de todas as satisfações; ora, em momentos de frustração e dor, vê um ser mau. O mundo infantil é sempre animado e quando a luz do quarto se apagam na hora de dormir, ele fica qualquer coisa, menos vazio: cessado o “input” de estímulos ambientais, a consciência é invadida por fantasias, em grande parte, destrutivas e persecutórias

Ao longo de seu desenvolvimento/amadurecimento, o eu em geral vai se dando conta de que aquela cisão entre o absolutamente bom e o mau não existe; ele passa a poder integrar parcialmente seus aspectos mais destrutivos (negativos) e reconhecer valor no

outro. A mesma mãe que vem e atende é a mãe que vai ou demora a vir. Aqui surge a experiência do vazio: nem tudo de mal ou bom que acontece tem um “sujeito”. Mas esta aquisição é sempre incompleta e sujeita a regressões em situações de força emocional (quando se mexe com nossa família, time de futebol, posições políticas...). O outro vivido como mau, inimigo ou concorrente poderá ser visto também como amoroso, parceiro, acolhedor. O fim das idealizações que fazemos sobre nós é também o fim da idealização do outro: nem um nem outro absolutamente bom ou mau, onipotente ou impotente.

Voltando a Klein, nesta condição, a criança passa a se sentir culpada. Ela se dá conta que aquele ser frustrante e violento que odiou é o mesmo que ama e lhe dá amor. O outro é visto agora não como parte (boa ou má), mas como um ser total. Da culpa sentida pelos ataques desferidos, pode nascer o desejo-me reparar os estragos produzidos e, adiante, o sentimento de gratidão por aquele ser. Reparação e sentimento de gratidão: temos aqui uma das versões para a origem da condição de empatia pelo outro: se eu sofro ante o ataque, o outro também deve sofrer ante meus ataques.

Somos capazes de sentir apenas nossos próprios sentimentos e, quando crianças, vemos o outro apenas como objeto de seus interesses ou instrumento para alcançar seus fins. É também uma aquisição do amadurecimento conceber que o outro também tem uma consciência e pode sofrer; não somos “um” com ele, ele não existe para nos satisfazer. Ele é de fato, outro ser. É preciso aprender isto: compreender que o outro também sente como eu não é uma experiência imediata.

Vale dizer que o limite de nossa empatia ou relação para com o outro tem este limite, ainda de ordem narcísica. Só conseguimos ter empatia ou compaixão (dois termos derivados de ‘pathos’, como compartilhamento dos mesmos sentimentos) se conseguimos nos ver na situação em que o outro se encontra (se fosse comigo...). O outro que não nos concerne e que passa por algo que não concebemos que possa se dar conosco não nos comove.

Em suma, haveria uma relação direta entre a necessidade de auto-afirmação (e só necessita quem não tem) e a intolerância ao outro.

Amós Oz: Como curar um fanático

Abordo agora o livro de Amós Oz com este título. Lançado ao final de 2015, ele estabelece algumas ideias que dialogam fortemente com os desenvolvimentos anteriores sobre a questão da intolerância. Segundo Oz, hoje, o embate mais importante não se dá entre esquerda/direita, machismo/feminismo, Israel/Palestina ou qualquer outra polaridade

de identidade cultural ou ideológica. O embate crucial é contra os fanáticos, existentes transversalmente em qualquer grupo identitário.

É a certeza absoluta do fanatismo que o leva à arrogância de buscar “salvar”, “educar” ou, caso falhe na missão, aniquilar quem não compartilhe de seus valores. Da mesma forma, qualquer um que aponte críticas à posição do fanático é visto como um inimigo que o quer destruir, o que o torna objeto legítimo de ódio. Se eu tenho certeza, quem pensa diferentemente de mim não é apenas diferente, mas errado.

Pode soar como ‘relativismo’ a opção por abstrair o mérito intrínseco de cada lado de um conflito. Mas não se trata de pregar o ‘relativo’, e sim de focar a atenção nas formas de ‘relação’ com o outro.

O fanatismo não permite acordo ou compromisso: como ele só repousaria na eliminação da diferença, o que é improvável, ele impõe um interminável e infrutífero “nós contra eles”. Há formas de relação com o outro que se baseiam em alguma capacidade de auto-crítica e capacidade de compreender a posição do outro (empatia).

Com esta premissa, Oz trata da delicadíssima relação entre Israel e Palestina: como israelense, ele é capaz de conceber que o conflito não se dá entre um lado certo e um errado, mas entre um certo e outro certo, desde a perspectiva de cada um. Isto não o torna menos israelense e defensor de suas posições.

O tema das palestras de Amós Oz me é o mais atual e necessário possível quando tantos grupos buscam, em sua válida auto-afirmação, calar aqueles por quem se sentem oprimidos. Sofrer ou ter sofrido a opressão parece fornecer uma “cota” de revide violento, o que simplesmente inverte a direção da violência, realimentando-a. Pregar a liberdade de expressão ou a aceitação da diversidade não pode se reduzir a pleitear a aceitação da própria expressão, mas sim a estar disposto a brigar pela expressão de pessoas e ideias com as quais não me identifico e, mesmo, discordo.

Os remédios propostos pelo livro parecem singelos, mas vão à raiz da questão: curiosidade e humor. Fanáticos não possuem um ou outro, assentados que estão sobre sua verdade e causa messiânica de salvar o mundo.

Trata-se, como vimos anteriormente neste artigo, da instauração de uma mediação simbólica. A curiosidade já implica numa atitude de abertura e interesse pelo novo e pela diferença, na consciência de que aquilo que é sabido não é tudo. E o humor implica

num distanciamento do imediato, na capacidade de não se levar plenamente a sério, na capacidade de reflexão (sobretudo naquele tipo de humor no qual rimos de nós mesmos). E é com uma boa dose de humor irônico que Oz diz que o fanático é o verdadeiro altruísta: ele pensa mais nos outros do que em si.

Contra o fanatismo, o caminho parece ser a busca por mediações e compromissos, o que implica em renúncias. Oz toma o caminho de Freud em suas concepções sobre nossos conflitos psíquicos e como lidamos com eles.

Em conclusão ao trabalho com o livro de Oz, restou uma dúvida irônica: pela própria definição de Amós Oz, o projeto de curar um fanático não teria então ele mesmo uma inspiração...fanática?

Referências

FREUD, Sigmund. *Psicologia de massas e análise do eu* (1921). Obras completas de Sigmund Freud, vol 15. São Paulo: CIA das Letras, 2011).

OZ, Amós. *Como curar um fanático*. São Paulo: CIA das Letras, 2015.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. *Desejo e adição nas relações de consumo*. São Paulo: Zagodoni Editora, 2011.



*INTOLERÂNCIA E CORPO AUSENTE...
FOI BOM BRINCAR DE VIVER NA TUA PELE...*

Clarissa Sanfelice Rahmeier



**Discussion
Paper** |

ESPM

Somos o que vivemos, o que vivenciamos, o que experienciamos, Somos o que sentimos na carne, na pele, no osso. Somos o que cheiramos, o que ouvimos, o que vemos, o que provamos. E se não tocamos, não cheiramos, não ouvimos, não vemos e não provamos? Vivemos, ainda? O tão falado, badalado, cultuado e amaldiçoado mundo virtual das mídias sociais é super real. Mas é acorporal. Vivemos nele, dele e, não raro, para ele. Mas é uma vida diferente da que se vivia há um tempinho atrás... Sei lá se é melhor ou pior, mas é diferente... Viver hermeticamente fechado no mundo dito virtual tem consequências super reais e todos nós já discutimos pelo menos algumas delas... Fico aqui com a intolerância. E não é para fazer retrato do que vivemos, mas é para tentar jogar um pouquinho de areia nesse castelinho que tentamos construir em conjunto. Cada um com seu punhadinho tenta moldar o que se convencionou chamar de “geração Y”, “sociedade atual”, “os dias de hoje”. Meu quinhão é o de dizer que imagino (sim, imagino somente) que a intolerância pode ter a ver com a falta de corpo no dia-a-dia. O Pedro de Santi, aqui mesmo, apontou muito bem que a intolerância é filha do “não se imaginar na pele do outro”. Amós Oz, em “Como curar um fanático” cutucou essa mesma ferida. Meu cutuco é mais simples e, provavelmente, mais frágil (discordem!!!): se não vivemos o que o outro viveu, se não chegamos nem perto das experiências que o outro tem, se não nos expusermos ao mundo como o outro se expõe, como entender o mundo do outro? Como, indo além, tolerar esse mundo do outro? Difícil. E os jornais estão recheados de depoimentos do tipo “nunca imaginei que isso fosse acontecer comigo”, “agora sei o que é passar por isso”, “só quem vivencia isso sabe o que é”. E o “isso”, aqui, vale para experiências boas e ruins, de ganhar o Oscar a perder um filho. Ter experiências é sentir na pele o outro. É ser um pouquinho o outro. Ou, pelo menos, é ter a chance de sê-lo. Isolamento leva à intolerância. Isolamento carnal e intelectual. É por isso que, não raro, o julgamento que fazem de nós é ruim e dói. Quando o outro nos julga sem nos conhecer nos sentimos extremamente injustiçados. E acho que há propriedade e pertinência nesse sentimento de injustiça: você não viveu o que eu vivi, não sabe da história toda, não consegue nem imaginá-la, e já me julga. Não, isso não está bom. Não gostei. Mas não preciso te julgar: não vivi na tua pele nem cheguei perto do que a tua pele viveu. Te tolero, entretanto. Nem sempre te entendo, muitas vezes te discordo, mas procuro imaginar tua vida para te tolerar. Ou para, com propriedade, te rechaçar. Mas tenho que viver um pouquinho do que teu corpo vive para ter um glimpse de tua alma. Nem que seja na minha imaginação. Experiências acorporais ajudam a construir um mundo de intolerância. Se deixar contaminar pelo outro faz o contrário. E com um a visão mais encarnada, corporificada, deixo meu punhado de areia no castelinho. Foi bom brincar de viver na tua pele.

Me assusta relativizar tudo e aceitar qualquer violência somente porque entendo o algoz.

Se não fosse a intolerância, boa parte do meu trabalho estaria comprometida. Grande parte da História (ainda mais se pucharmos o viés positivista, há mais tempo no mercado) que conhecemos só conhecemos devido à intolerância de uns contra outros. Guerras, tratados, dominações e acomodações giraram e giram em torno da intolerância. A intolerância é o petróleo da História! Revolução Francesa, Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial, o Mare nostrum, colonização da América, Apartheid, Charlie Hebdo, conflito árabe-israelense, independência do Brasil, Inquisição. Só me formei devido à intolerância. De tão repetida, ela nos parece natural. Mas não o é. Intolerância é cultural. É a nossa afirmação perante o outro - negá-lo faz parte, mas é uma afirmação estruturada em uma cultura de defesa e de opostos. Ocidental, capitalista, democrática, judaico-cristã. Dualista, enfim. Bem X Mal. Branco X Preto. Esquerda X Direita. E por aí vamos. Aceitar que essa dualidade é uma construção humana, social, cultural, já é um primeiro passo para entendermos que podemos modificá-la. Tomar coragem para de fato mudar o pensamento dualista e excludente já são outros quinhentos...

Se tem uma bandeira na qual me agarro é a da educação. A ignorância é amiga da felicidade, e nada melhor do que ficarmos confortáveis não sabendo. Não saber significa não viver a realidade, ou viver uma realidade forjada, forçada, sonhada, paralela, chame do que quiser. Não saber não desacomoda. Saber, por outro lado, dói, incomoda, exige uma resposta e uma atitude. Saber pode machucar, pode quebrar, pode afastar... Se eu não sei do outro eu estou certo. Ele é diferente e é errado. Ele é distante. E ele é estranho. Saber do outro, conhecer o outro, me coloca perto dele. Num mundo mega-high-tech-super-hiper-conectado-right-now-power-play temos a possibilidade de conhecer o outro. E viva a globalização! Que me faz acreditar que sei quem é meu vizinho porque tenho acesso a seu Facebook. Todos nós aqui sabemos que não sabemos nada do vizinho. A globalização não me obriga a saber, a conhecer. Ela possibilita uma fresta na porta do vizinho, mas não mais do que isso se eu mesma não girar a maçaneta e abrir essa porta. Eu preciso querer não só saber que o vizinho existe, mas saber como ele existe. E a famosa geração X Y Z tem isso nas mãos. E eu também tenho isso nas mãos. E meus pais também. E gerações mais antigas também tem. O que temos hoje na nossa mão, literalmente falando, é uma fresta para a vida do vizinho. Entre o espiar através desta fresta e o chutar a porta há uma distância imensa. Entrar na vida do outro significa comprometimento. Dia desses eu navegava pela internet antes de dormir e cheguei em um site que arrecadava fundos e os alocava para crianças brasileiras que precisam de cirurgia no exterior. Eu vi o site. Eu vi as fotos das crianças. Eu iria dormir, eu estava bem. Eu vi o site. Eu vi as fotos. Eu doei. E eu me incomodei. Entre o ver e o doar eu me machuquei, eu perdi o sono, eu chorei, eu me imaginei... Eu me coloquei na pele dos outros. Eu sei que é por aí que se conseguem muitas coisas nesse mundo, mas é por aí

mesmo que tem que ser. Eu preciso conhecer para entender para me mexer. Eu preciso conhecer para me desacomodar. Eu preciso conhecer para tolerar. E com tantas frestas que a web me proporciona eu posso viver inúmeras outras formas de vida, eu posso me imaginar na pele de um refugiado sírio, de uma mulher muçulmana, de um monge budista, da Dilma e do Donald Trump. Se eu conhecer a história deles eu posso. E, por isso, posso ser menos intolerante com relação a esses diferentes de mim. Tolerância não significa concordância ou amor, mas compreensão. Como Amós Oz aponta, não precisamos de amor, precisamos de tolerância. Precisamos coabitar. E com tantas barreiras sendo dissipadas na nossa era pós-tudo, a chance que temos de ser ou sentir o outro é quase uma obrigação. Entender o outro poderia ser matéria obrigatória nas escolas e faculdades. E entender o outro também significa viver tradição. O outro não é só o muito novo, nascido ontem, “essa nova geração”. O outro também são meus pais. Me imagino vivendo a vida deles, novos e velhos, e consigo entendê-los e tolerá-los mais. Entre frestas e portas abertas e fechadas, o que mais me assusta é o medo de relativizar tudo e aceitar qualquer violência somente porque entendo o algoz. E aí não há limite para aceitação de sofrimento, de guerra e de intolerância. Mas aí já iniciamos outro debate. Para o seguinte: conhecer o diferente é o primeiro passo para entendê-lo. E assim como a intolerância é o petróleo do que está nos livros de História, o entendimento e a tolerância podem ser o combustível ecológico do futuro.



*MAIS QUE DIFERENTES, DESIGUAIS:
alteridade, desigualdade e intolerância
no Brasil contemporâneo*

Pedro Jaime de Coelho

Discussion
Paper |

ESPM

Se não somos cordiais em essência, nem tampouco irredutivelmente agressivos, então o que queremos ser como nação?

A (in)tolerância está na pauta dos debates públicos no Brasil contemporâneo. Logo o Brasil, um país que se imaginou como mestiço, cordial, carnavalesco! Da perseguição contra as religiões de matriz africana, expressa nos incêndios criminosos em terreiros de candomblé ou nas violações a templos de umbanda; passando pelo ódio racial contra personalidades públicas como jogadores de futebol, artistas ou jornalistas. Do sexismo, cujo emblema pode ser localizado nos adesivos que circularam em 2015 em alguns automóveis estampando uma bomba de combustível penetrando a vagina da presidente Dilma Rousseff; à homofobia que possui como um dos marcos recentes o comentário irônico do deputado Jair Bolsonaro de que o também deputado Jean Willys faria uma “visita íntima” ao ex-presidente Lula na prisão; a intolerância tem sido marca constante no noticiário cotidiano sobre o Brasil. Estes dois últimos exemplos de cenas que destilam preconceito remetem ao caso de intolerância que se tornou a bola da vez em nossa sociedade: a incapacidade que muitas pessoas têm apresentado de discutir a crise político-institucional do país, respeitando não apenas pontos de vista distintos, mas a dignidade da pessoa humana. Não são poucos os casos de postagens nas redes sociais incitando à violência, “tirar políticos dos seus cargos na marra”; ou mesmo à morte, “prisão é pouco, queremos o fuzilamento”. Pretendo aqui fazer uma breve reflexão sobre a nossa (in)tolerância contemporânea, a partir de instrumentos analíticos das ciências sociais, como forma de deixar uma mensagem que sirva como um farol para nos guiar nos complexos e urgentes debates contemporâneos.

A primeira coisa que gostaria de destacar com esta intenção é que os debates socio-antropológicos contemporâneos em torno da questão das identidades rejeitam a ideia de uma essência que configuraria um dado grupo social (uma etnia, uma nacionalidade, um gênero, uma sexualidade). Diversos autores já argumentaram e demonstraram que não existem pontos irredutíveis sob os quais se assentariam as identidades judia, negra, nordestina, baiana, feminina, homossexual, petista ou tucana! Identidades são construções sempre em processo; são feitas e refeitas no jogo das relações sociais e em razão dos contextos históricos.

Sendo assim, não podemos ficar ingenuamente acreditando na nossa configuração como país cordial, mestiço, flexível, paraíso da convivência com as diferenças. Tal crença não tem ancoragem nem em nossa trajetória histórica, nem na nossa realidade contemporânea. Esta é “apenas” a forma como a nação brasileira foi imaginada. E as nações são antes de tudo processos de imaginação, isto é, produções discursivas, narrativas

que, por meio de processos de disseminação, dos quais participam as falas de lideranças políticas, os rituais cívicos, o jornalismo, a literatura, o cinema, a publicidade, vão configurando uma dada representação, uma imagem hegemônica sobre esta coletividade. Aliás, este processo se dá não apenas com a nação, mas também com outros coletivos. E essa imagem disseminada se presta a um complexo jogo social. Ela é aceita em parte; mobilizada por diferentes segmentos sociais (à esquerda, ou à direita do espectro político); contestada, transformada, reinventada. Narrativas contra hegemônicas emergem no processo de reimaginação da nação.

É nessa linha de raciocínio que pretendo deixar a minha mensagem. Não há nenhum fatalismo em nossa constituição como nação. Nem na nossa suposta configuração como um povo cordial, nem na nossa agressividade original, expressa pela nossa invenção marcada pelo genocídio dos povos indígenas após o início da pilhagem dos seus recursos naturais. Ou pelo empreendimento colonial escravista, que transformou africanos escravizados, não apenas em mão-de-obra forçada nos engenhos da colônia, como também em mercadoria que circulava no comércio transatlântico. O brasileiro não é, de uma vez por todas. Ele está sempre em processo, sempre em construção, sendo hoje o que não foi ontem e o que não será amanhã. Ademais, não existe o brasileiro, posto que essa identidade nacional é atravessada por localizações sociais marcadas por clivagens de classe, gênero, raça-etnia, sexualidade, geração, regionalidade, etc.

Se não somos cordiais em essência, nem tampouco irreduzivelmente agressivos; o que queremos então ser como nação? Evidentemente não tenho respostas para essa pergunta. Na verdade não se trata de uma indagação para ser respondida por um cientista social, ou mesmo pelos cientistas sociais. Isto porque a nacionalidade é uma relação histórica e política que os membros de distintos grupos sociais, portadores de diferentes tradições culturais e posicionados desigualmente na estrutura da sociedade, constroem e reconstróem permanentemente, não apenas negociando e pactuando, mas também lutando, disputando a partir de situações concretas de desigualdade. O que posso tão somente desejar é que por meio do amadurecimento das nossas instituições, do aperfeiçoamento da nossa legislação e da melhoria da nossa educação, possamos pactuar, negociar e lutar com civilidade, aceitando as nossas diferenças e reduzindo as nossas desigualdades. E mais ainda, não fazendo das nossas diferenças fontes de desigualdades. Essa é a minha esperança. A minha utopia talvez. Mas lembro que, como sugeriu certa vez Oscar Wilde: um mapa do mundo que não inclua a utopia não merece ser consultado, pois deixa de fora terras nas quais a Humanidade está sempre a aportar.

**Discussion
Paper**

ESPM

v. 4, n. 1, 2016